



Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário * 25 de Outubro de 1986 * Ano XLIII — N.º 1112 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

• Veio até nós mais um gaiato que cresceu numa das nossas Casas de África. Chorou a meu lado o sofrimento do seu Povo. Ele o vive em sua carne e o transmitiu, a sangrar, ao meu coração.

Com que saudades recordamos os nossos rapazes...!, um a um: o que fazem, como vivem. Depois, as noites estreladas e tranquilas no silêncio reconfortante das colinas verdes! Os parques do gado e os campos de algodão!

Com que ternura falou da Casa do Gaiato que foi sua e das lágrimas que verteu ao encontrar soldados e metralhadoras em vez do cruzeiro, dos sinais de paz e dos carrinhos de rolamentos com que brincava em criança!

Falava ele... Falava eu...

Enlevo doce e saudoso!

Mas logo, outra vez, o sofrimento, a morte e a angústia do seu Povo...

O sangue dos inocentes clama contra os causadores; e contra aqueles que levam armas, em vez de pão e amor.

Quantas coisas mais falámos...!

E pensei:

Que ficou de todo o esforço que a nossa Obra fez a favor das Crianças e dos Pobres?

Se mais não fora, já valiam tudo as lágrimas deste nosso

gaiato ao ver os sinais de guerra, onde e quando criança eram os sinais de paz.

• — Minha mãe não presta... Não me dá de comer!

Terríveis palavras que o Filipe, de dois anos de idade, disse a uma senhora quando esta foi por ele para o trazer para nossa Casa.

O Filipe veio e é uma criança encantadora. Não fala na mãe. Uma ou duas vezes falou na avó. Tem um irmãozinho de um ano que a referida senhora quer também trazer.

Os «Batatinhas», companheiros do Filipe, ouviram tudo e, hoje, vieram ter comigo:

— Nós queremos que o irmão do Filipe venha!

O grito destas crianças a ressoar ao mundo:

Contra os que... todos os dias vão pelas mães, para as **boites...**

Contra os pais **incógnitos** — conhecidos — impunes e inconscientes...

Contra esta sociedade louca que atira ao mar e ao lixo as sobras! E não tem um copo de leite e umas fraldas para o irmão do Filipe...

Contra mim e contra ti, quando calamos e consentimos a corrupção que nós envolve...

— Basta! — diz o Filipe.

Padre Telmo



O grito destas crianças, dos nossos «Batatinhas», a ressoar ao mundo contra os pais incógnitos — conhecidos — impunes e inconscientes...

SER POBRE!

Foi dito a toda a gente: «Felizes os pobres de coração...» Esta sentença faz confusão. É difícil entendê-la e aceitá-la, porque não entra nas categorias mentais do mundo, de tão preocupado que anda com o dinheiro e em descobrir meios para ter mais riqueza. Como se isso fosse o principal. Não é!

Pai Américo leu-a desta maneira: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão». Ora aqui está o caminho do bem estar social tão procurado! Bem estar social que serve de slogan a ideologias nos seus programas; a discursos que se fazem por motivo de circunstâncias especiais; a actividades de grupos que nascem aqui e acolá, mais ou menos por toda a parte. Bem estar social com que parece todos andam preocupados.

Pai Américo encontrou aquela fórmula muito simples, como verdadeiro ovo de Colombo. E pô-la em prática. E deu resultados tão escandalosos, a ponto de as pessoas perguntarem como foi e é possível ter-se feito tanto, por exemplo, com o Património dos Pobres e, agora, com os «pequenos auxílios» para a construção de casas dos que sonharam tê-la, mas não pensavam ser possível. A própria vida da Obra da Rua, dizemo-lo com toda a simplicidade, é uma forma concreta de viver aquela sentença que Pai Américo traduziu assim: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Sem o regresso à família não podemos falar em progresso. Falamos de desgraças, sim. E quando se fala da família, toca-se na casa, no pão para os filhos: para a boca e para a inteligência; na educação, na estabilidade do lar onde não falte o calor humano que nasce do amor sincero e cria filhos equilibrados.

Como podemos falar em progresso social sem cuidar da

Miguel de Paredes (Penafiel) — regista o nascimento e o baptizado de Pai Américo, pelo seu punho, com úteis e esclarecedoras notas para os nossos Leitores:

«Baptizado dia 4 de Novembro de 1887, na igreja paroquial do Salvador, de Galegos, concelho de Penafiel, distrito e diocese do Porto, pelo Padre António da Rocha Reis, Abade da mesma freguesia. Nasceu na dita freguesia pela uma hora da noite do dia 23 de Outubro de 1887; filho legítimo de Ramiro Monteiro de Aguiar, lavrador, natural desta mesma freguesia de Galegos, e de Teresa Ferreira Rodrigues, lavradeira, natural da freguesia de Paço de Sousa, deste concelho de Penafiel, recebidos na freguesia de Paço de Sousa, paroquianos desta de Galegos e moradores no lugar do Bairro:

Cont. na 4.ª pág.



99 anos

Se estivesse connosco, não sairia uma linha! Aliás, o pouco que n'«O GAIATO» publicámos em vida — nas horas grandes — foi só numa ou noutra ausência ocasional.

Pai Américo era tão despojado, tão dos Outros, de todos nós, que procurava sempre esconder-se; se a si, como dizia, para que outras luzes brilhassem, sobretudo a Luz incandescente por que se enamorou — Jesus de Nazaré na pessoa dos Pobres, dos Oprimidos.

Se, hoje, dia 23 de Outubro, estivesse humanamente con-

nosco, faria 99 anos — limiar do centenário que celebraremos, espiritualmente, no próximo ano de 1987.

Pai Américo não arredou pé. O seu espírito permanece cintilante, cresce para além do tempo, já que (proféticamente) cimentou o Caminho no Infinito.

Não é fácil, não, um filho falar de um Pai que muito ama; um Pai que deu o crescimento e muito mais: a formação certa na hora certa. As vivências joram em catadupa...! É difícil sustê-las d'olhos enxutos (temos os pés na terra), como se

puséssemos ponto final no banco de dados de um computador!

Daí, para assinalarmos dignamente a efeméride, endossamos a palavra ao Padre José Monteiro de Aguiar, o mais velho dos oito irmãos de Pai Américo (que tivemos a felicidade de conhecer), cuja humildade cristã muito valorizou quanto deixou escrito — preclaro investigador nos domínios da historiografia, aqui e além-fronteiras.

O Padre José Monteiro de Aguiar — missionário na Índia inglesa, depois pároco de S.

Cont. na 3.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Estou triste. Cheguei há pouco do funeral dum jovem de 19 anos. O telefone tocou anteontem à noite a dizer da vida em perigo.

Tocou ontem à noite a dizer da morte.

Conheci-o em pequeno. Ele e os três irmãos foram recolhidos no Albergue da Polícia. Todos tinham pouca idade. Passado pouco tempo foi para uma creche de vila distante. No limite da idade transitou para outra instituição, onde esteve até à morte.

Muito delicado e asseado. Com limites intelectuais. Sempre roído por carências de afectividade familiar. Procurou a família de sangue até ao fim e não a encontrou.

Em cada pessoa tinha um amigo. O seu funeral foi prova de como era querido: Muitos companheiros, muitos professores, muitas pessoas da terra. Dos familiares só estava o irmão que veio pequenino para nossa Casa. Informaram-me que a direcção da Escola não con-

seguiu contactar com os pais e com os irmãos, cada um em cada lado.

Estou triste mais pela causa da morte e pelos motivos de desagregação familiar. Este jovem sempre teve conhecimento de que tinha os pais vivos e de que tinha mais irmãos. Todos desconhecidos uns dos outros. O álcool, a prostituição e outras coisas criam estes modelos. O bom acolhimento que todos lhe procuravam dar não supriu a família.

É um caso. Mas há muitos casos. Vai haver muitos mais casos. O nosso sistema de vida, hoje, vai conduzir-nos a maior degradação. Os pais querem continuar a demitir-se. Os filhos, abandonados ou não, querem mais liberdades e maiores regalias, sem compromissos.

Não quero ser profeta de desespero, mas tenho visto muitas lágrimas e a morte deste jovem ficou-me no coração.

Que ele tenha recebido o beijo e o abraço do Pai, da

Mãe e dos Irmãos na Vida que agora tem.

■ Uma carta. Uma de entre muitas. Esta diz assim: «Sou casada, natural de Angola, mãe de 7 filhos todos menores, dos 13 aos 3 anos.

Pedia que concedesse a esmola de me arranjar uma ou duas vagas para estes meus dois filhos de 8 e 6 anos, pois que seria uma grande esmola e uma ajuda de Deus. Pois que não só tenho dificuldades de os alimentar, como de habitação, é uma humilde barraca de 5 a 6 metros quadrados, de madeira.

Meu marido ganha um salário, a contrato, quando ganha: 18.000\$00. Eu, por vezes, quando posso, vou trabalhar a casas, a dias, quando os filhos me deixam, pois tenho de olhar por meus filhos e o trabalho de minha casa.

Agora só me resta a ajuda de V. e com os olhos postos em Deus, na Graça do Senhor.»

Preferia ficar calado. A carta fala por si: Retomados, sete filhos, a míngua da barraca, o salário de fome, os olhos em Deus. Preferia ficar calado, mas não posso. Quero gritar àqueles que não acreditam que haja fome e males ainda piores. Sobretudo gritar àqueles grandes que se arvoram em ter feito «uma descolonização exemplar». Aqueles que vivem em palácios ou luxuosas casas com jardins, estátuas célebres e nuas, grandes salões, banquetes sumptuosos, muitas recepções, inúmeros amigos, ordenados fabulosos, visitas dispendiosas. Um mundo aparente de palmas e aplausos.

Cada vez me parece mais actual e urgente o grito declamado que ouvi, há muitos anos: **«É necessário que os ricos sejam menos ricos, para que os pobres sejam menos pobres.»**

Homenagem a Pai Américo e à Casa onde cresci

O meu pai não conheci!...
Mas tive um que me criou!
Todos o respeitaram
Porque a todos ele amou.

De gaiato que já fui!...
No Gaiato eu cresci.
Quanto ganhei? Nem sei!...
Mas sei que nada perdi.

João Hingá

Luís de Barros

■ Duas famílias, ambas com sete filhos. Duas situações tão diferentes. Na primeira, a destruição. Os filhos sempre órfãos com os pais vivos. Todos sem se conhecerem.

Na segunda, há amor que faz lutar e confiar. «Com a ajuda e olhos postos em Deus.» Mãos estendidas e confiantes nos irmãos.

Padre Horácio

Retalhos de vida

João Paulo



Chamo-me João Paulo Cerqueira. Mas sou conhecido por João Paulito.

Nasci em Paris — filho de mãe solteira. Passados oito meses o meu avô foi-me lá buscar.

Vivi com os avós até aos 9 anos, mas quando a minha avó morreu, o avô era um bocado doente e não me podia ter. Então, ele foi pedir a um senhor que foi gaiato desde os dois anos e tem um restaurante na terra onde eu estava que veio trazer-me à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Fui cá baptizado e o antigo gaiato e a senhora que me trouxeram, foram e são os meus padrinhos. O meu avô continua a ser muito meu amigo.

Agora tenho 14 anos e passei para o 8.º ano unificado. Gosto muito de estar na Casa do Gaiato na companhia do sr. padre, das senhoras e de todos.

Distribuo O GAIATO em Coimbra e na Figueira da Foz; e, no Verão, no Luso e na Curia.

Quando for maior gostaria de tirar o curso de engenheiro electrotécnico.

Um grande abraço para todos os leitores d'O GAIATO.

João Paulo

SER POBRE!

Cont. da 1.ª pág.

saúde das células do corpo social que são as famílias? Este é um ponto importante a ter em conta por quem se preocupa com o bem estar social. Desde o Estado às empresas, às pessoas de dinheiro e às que não são de dinheiro. Desde cada um aos grupos, às comunidades. É assunto que diz respeito a todos, mas a todos os membros da sociedade que, neste caso, entram na classe de beneficiados.

Mas como? Só o «pobre de coração» está em condições de promover este bem comum. Pai Américo, como cidadão comprometido nesta tarefa, não começa pelo dinheiro. Tendo dado toda a sua vida a esta causa nunca pôs o dinheiro como condição primeira. Nunca pôs a riqueza como solução, por si mesma, do progresso social. E bem sabia que sem o dinheiro não podia fazer o que fez. Nem tão pouco a Obra que deixou, subsistiria sem o suporte material. Antes de tudo isso está o «ser pobre de coração». Aqui o segredo que faz render o muito ou o pouco em favor de todos. Aqui o segredo do êxito dos grandes planos. Aqui o segredo do êxito

dos grandes empreendimentos em favor de um povo. Quando, bem no centro de todos os programas, está a sabedoria do coração, a única capaz de entender os problemas reais do dia-a-dia do povo. Só o pobre de coração é capaz de cometer esta aventura e contribuir para a maravilha de uma sociedade equilibrada onde não faltará, por certo, a turbulência, apesar de tudo. Mas é o caminho certo. As soluções passam pela cabeça, é verdade; mas o coração entende o que a cabeça sózinha não é capaz de entender, muitas vezes. Sem coração não se cria comunhão. Não há partilha de bens. Ser pobre é condição necessária para reconhecer que dependemos uns dos outros. Que temos que dar e receber. Que os nossos bens não nos pertencem em absoluto. Somos administradores e temos que dar contas à nossa consciência e aos Outros também.

É preciso ter. É preciso criar riqueza. Mas se o motor desta engrenagem não for um «coração pobre», o progresso não chega. O bem estar de todos não chega. Há sempre o perigo escondido dentro de

Cont. na 4.ª pág.

ASSOCIAÇÃO dos Antigos Gaiatos do Centro

Na anterior edição d'O GAIATO, pela mão do cronista de Miranda do Corvo (o João Paulo), já safu uma sucinta notícia sobre o nosso último Encontro na Senhora da Piedade, de Tábuas, em 21 de Setembro.

Aí vão mais alguns apontamentos, complementares, para a breve história da nossa Associação:

Participaram no Encontro cerca de 30 antigos gaiatos e suas famílias, provenientes de Lisboa, Porto, Braga, Figueira da Foz, Coimbra, Miranda do Corvo, Batalha e Pampilhosa.

Apraz-nos sublinhar o aparecimento de algumas «caras novas», sempre agradáveis, compensando a falta de outros que, vivendo perto, primam pela ausência.

A homilia da Missa, celebrada na Capela do Santuário, o Padre Horácio lembrou a educação que devemos dar aos nossos filhos — a educação cristã — respeitando, no entanto, a opção e liberdade de cada um. E tem obrigação de a recomendar — acentuou — como Padre da Rua e responsável pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Durante o dia relembrámos episódios da nossa vida que, à distância, nos trazem saudades.

Houve, ainda, o sorteio de um relógio electrónico. O contemplado: José Albino, da Pampilhosa.

No fim do Encontro improvisámos uma sessão de música popular portuguesa, um coro de vozes acompanhado à guitarra pelo Tonito, harmónica de boca pelo João Aurélio, não faltando o fado na voz do Vítor Agostinho.

Alguns companheiros despediram-se mais cedo, pois tinham de fazer longas viagens. Os restantes visitaram, ainda, a Casa-Mãe de Miranda do Corvo — onde revivemos o passado.

Agradecemos à Comissão de Festas de Nossa Senhora da Piedade a amabilidade de nos ter cedido, mais uma vez, as instalações.

A seu tempo daremos mais notícias sobre próximos Encontros, tanto mais que se aproxima o centenário de Pai Américo e a nossa Associação marcará uma presença digna, nas cerimónias.

AQUI LISBOA!

«Nós guardamos, debaixo das nossas telhas, interessantes episódios de que a vida é feita.»
(Pai Américo)

Quanto mais abandonada, mais a criança é nossa. «Somos uma família para os sem família», disse Pai Américo. Raramente, porém, em sentido absoluto, os jovens recebidos nas nossas Casas deixam de ter alguém de sangue conhecido, mais ou menos afastado, que, com frequência, após o «desmame» dos meninos, começa a aparecer, com maior ou menor frequência, às vezes com promessas e ofertas de dinheiro ou de objectos valiosos, perturbando seriamente a integração dos Rapazes e a normalidade de vida das Comunidades.

Para Pai Américo devemos ser exigentes na admissão dos Rapazes. Escreveu ele: «Nós não podemos transigir. Fizemos um voto solene de nos dar totalmente e unicamente à criança dos caminhos e não a órfãos ou equiparados». Deste modo, qualquer fraqueza da nossa parte na entrada dos Rapazes, digamos na sua selecção, corre o risco de tormentar o espírito que presidiu à fun-

dação da Obra e, mais tarde ou mais cedo, de trazer perturbações de monta em todo o processo educativo que lhe é próprio.

Queremos respeitar os laços de sangue, que são de ordem natural. Simplesmente, torna-se difícil, em muitas circunstâncias, conciliar as nossas tarefas de educadores com o peso enorme de raízes ou laços exteriores, sanguíneos ou de mera simpatia, porque o Rapaz passa a estar fisicamente presente mas com a cabeça e o coração fora, como que dividido. As excepções, que importa assinalar, só confirmam a regra.

Por mais tenebrosas ou infelizes que sejam as origens dos Rapazes; por maiores vicissitudes, carências ou maus tratos por que tenham passado, os laços de sangue têm uma força extraordinária de apelo na conduta individual de cada um. Os pais podem ser assassinos, ébrios e com largo cadastro; as mães podem ser mulheres de má vida, com filhos de vários homens; as crianças podem ter passado fome, vivido em barracas ou tocas, sem a higiene mínima, que os Rapazes, se não têm ainda capacidade

crítica e de discernimento, baloçam entre dois pólos antitéticos, com tendência, infelizmente, por se deixarem acorrentar pelas forças menos positivas.

Ora, um dos processos mais utilizados pelos familiares dos Rapazes, que não quiseram, não puderam ou se demitiram das suas responsabilidades, consiste precisamente na oferta das coisas mais variadas, algumas de alto valor, incompatíveis até com as suas próprias posses materiais.

Casos tem havido em que crianças totalmente abandonadas, chegadas até aqui cheias de piochos e com sinais evidentes de carências dos mais variados tipos, passando dias à rédea solta, comendo os restos de montureiras ou caixotes de lixo ou da caridade de vizinhos, escorraçados e espancados violentamente, passam a receber logo visitas. Então, os visitantes, como que a ressarcir-se do mal feito, trazem às sacadas de bolos e doces, rádios pequenos e grandes, relógios, canetas e outros objectos, atropelando todas as normas e regras da vida da Casa. Claro que tudo isto nos pede uma séria atenção, mas temos de confessar que nem sempre o êxito é possível.

Há, de facto, interessantes episódios debaixo das nossas telhas. Pobres prostitutas, que não perderam o sentido maternal, acompanhadas dos seus rufões (vulgo chulos), que ficam às vezes fora das portas, carregam para os seus filhos montes de inutilidades e de guloseimas, fugindo do contacto com os responsáveis, porque sabem ser norma da Casa não ser aconselhável mais de uma presença mensal e que, quanto a doces e similares, graças a Deus, dispomos deles em quantidade e qualidade apreciáveis, mesmo acima da média. Quer dizer, tal gente quer comprar, passe o termo, por aquilo que trazem, de inutilidades, aqueles a quem nada deram do essencial a que tinham direito.

«Avós emprestados», «tios» e «padrinhos»; mães prostitutas ou que abandonaram o lar por qualquer razão; pais ébrios, rejeitados pelas esposas ou que deixaram eles próprios a família; ex-presos, por assassinio ou outros crimes; viúvas que se juntaram com outros homens, que escorraçavam ou maltratavam os filhos delas ou vice-versa, que há de tudo, eis o grosso dos visitantes dos nossos Rapazes. Facilmente se inferirá das dificuldades criadas e da luta insana que dentro duma Casa do Gaiato se trava a cada instante. Depois, como é natural, para este tipo de pessoas não há regras ou caminhos da Instituição, as suas vontades ou caprichos é que devem prevalecer.

Felizmente, como não podia deixar de ser, também há excepções. Quando o bom senso impera e as forças se conjugam no mesmo sentido, mais fácil se torna formar homens e ajudar os Rapazes a crescer

em todos os sentidos. Por exemplo, recordamos com uma certa satisfação interior o auxílio prestado pelo pai de um dos nossos, homem simples mas sensato, que nos ajudou a vencer uma crise forte de um dos seus, hoje cidadão digno, casado e pai de filhos; outro caso, não menos significativo, foi o de uma viúva pobre, mas equilibrada, que sempre apoiou a nossa acção, colocando nas nossas mãos a educação do seu descendente, traduzindo-se o facto na formação de um cidadão prestimoso, também casado e com filhos.

O que hoje escrevemos constitui como que um complemento ao «Aqui Lisboa» de há quinze dias. Os nossos Rapazes precisam de conviver com

gente boa e de recta formação, que os ajude a tornar homens, tendo em vista, porém, que todo o auxílio deverá ser articulado com os responsáveis da Casa e não à revelia das normas ou princípios que a regem. Se isto fosse fácil?!

■ Queremos agradecer aos Escuteiros de S. Mamede, bem assim aos então Pároco e Coadjutor da Paróquia, a possibilidade que proporcionaram a dois dos nossos Rapazes de realizarem uma maravilhosa viagem, de vinte e um dias, a Itália, França e Espanha. Como o Povo diz «quem nossos filhos beija a nossa boca adoça», aqui fica o nosso sentido bem haja.

Padre Luiz

SER POBRE!

Cont. da 3.ª pág.

cada um de ter mais, querer ter mais e esquecer os Outros. Daqui surgem os grandes desequilíbrios sociais. Uns têm mais e continuam a ter mais. Outros ficam à margem.

Ser Pobre é buscar o equilíbrio. É ser livre para poder fazer participar da riqueza criada todo o homem que luta pela sua dignidade.

Ser Pobre é pôr todo o saber, todo o poder económico e financeiro ao serviço do homem e de todos os homens. Utopia? Os grandes ideais são grandes utopias que podem tornar-se realidade a pouco e pouco na medida em que haja vontade decidida na busca sincera do bem comum.

Que sejam «pobres de coração» os que estão nos centros das grandes ou pequenas decisões. Que sejam humildes e possuídos de desejos sinceros de servir. Homens e mulheres apaixonados — dizemos apaixonados pelo bem do nosso povo. Isto é ser Pobre. Então, sim, serão felizes e criarão felicidade à sua volta. É tão fácil fazer as pessoas felizes, quando damos a mão do que temos. Repartimos.

É tão fácil fazer as pessoas felizes quando há «corações pobres»!

É tão fácil fazer famílias felizes quando, bem instalados, tiramos ao que temos e repartimos!

Não é obra de um só. Não é tarefa só de empresários. Não é missão, tão pouco, só do Estado. É fruto de uma menta-

lidade nova. De gente aberta e verdadeiramente interessada no progresso do todo social. De gente que sabe que a riqueza de um povo está na participação do bem que essa riqueza produz.

Corações pobres são a alma do progresso! Parece um paradoxo: o pobre a criar riqueza para si e para os Outros. É difícil entender! É linguagem mole para corações metalizados. Mas não há outro, um outro caminho, para que não surjam as grandes convulsões que roubam a paz, a alegria, a felicidade de um povo.

Há que anunciar esta mensagem — oportuna e inoportunamente. Talvez não entre nos gabinetes onde se tomam as decisões. Talvez não entre nos escritórios dos homens de negócios. Talvez não entre nas casas de todos os grandes senhores. E, talvez, não entre também nas casas dos que nada fazem e vivem como parasitas.

Mas — quem sabe? — talvez haja recoveiros que, depois de a receber, vão transmiti-la.

Padre Manuel António

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para qualquer uma das nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e o endereço em que recebe as nossas edições.

99 anos

Cont. da 1.ª pág.

Neto paterno de José Monteiro de Aguiar e de Albina dos Santos e materno de António Joaquim Ferreira e de Lourença Rodrigues. Foi padrinho Joaquim da Rocha, casado, negociante; e madrinha Maria Ferreira de Aguiar, solteira, filha família. Foi o pitavo filho de Ramiro e de Teresa.

Eis os nomes dos oito filhos por ordem da idade: José, padre, missionário na Índia

África, e senhor da casa de Antelagar, Paço de Sousa. João, lavrador em Antelagar, Paço de Sousa. António, formado em medicina. Zeferino, negociante na metrópole e no Brasil. Américo, empregado no comércio em África, e finalmente sacerdote aos 42 anos de idade. Passou a infância no regaço afectuoso da Mãe que, por ser o último filho dum bando de oito e ser ele dotado dum espírito caseiro, lhe dedicou sempre carinho especial,




A camita que serviu de berço a Pai Américo

inglesa e depois pároco de S. Miguel de Paredes, Penafiel. Joaquim, lavrador na casa do Bairro, Galegos. Maria, casada em Irivo, na casa da Carreira. Jaime, empregado superior da Companhia da Zambézia, na

mesmo depois de o ver colocado na África. Ele não sabia viver sem a Mãe, nem a Mãe sem ele. Completavam a alegria um do outro...»

Júlio Mendes


Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administr.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel